



## BILINGÜISMO INDIVIDUAL<sup>1</sup>

● François Grosjean ● Tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees

Françoise Grosjean é professor emérito da Universidade de Neuchâtel, Suíça, onde fundou o Laboratório de Processamento da Fala e da Linguagem – Language and Speech Processing Laboratory. Doutor pela Universidade de Paris, França, iniciou sua carreira acadêmica em 1974 nos Estados Unidos, na Universidade de Northeastern, Boston, onde lecionou e desenvolveu pesquisas na área de Psicolinguística. Suas áreas de interesse são a percepção, a compreensão e a produção da fala, bilingüismo e biculturalismo, língua de sinais e bilingüismo de surdos, avaliação da compreensão da fala em pacientes afásicos e modelos de processamento da linguagem.

**Poucas áreas da Lingüística encerram tantos conceitos inadequados quanto a área de bilingüismo. A maioria das pessoas acredita que o bilingüismo é um fenômeno raro encontrado apenas em países tais como o Canadá, a Suíça e a Bélgica e que os bilíngües apresentam um mesmo grau de fluência na fala e na escrita em ambas as línguas, falam sem sotaque e podem interpretar ou traduzir sem nenhum treinamento prévio. No entanto, a realidade é bastante diferente – o bilingüismo está presente em praticamente todos os países do mundo, em todas as faixas etárias e em todas as classes sociais. Na verdade, estima-se que metade da população mundial é bilíngüe. Quanto aos bilíngües, a maioria adquire suas línguas em diferentes momentos da vida e raramente são igualmente fluentes em todas elas – muitos falam uma de suas línguas não tão bem quanto a outra (e quase sempre com sotaque) e**

1. Tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees a partir do texto original – “Individual bilingualism”, publicado inicialmente na enciclopédia *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1994, pp. 1656-1660.

muitos lêem ou escrevem em apenas uma das línguas que falam. Além disso, poucos bilíngües são capazes de interpretar ou traduzir proficientemente.

Neste artigo, muitos aspectos do indivíduo bilíngüe serão discutidos, porém, será dada ênfase especial ao bilíngüe adulto estável, ou seja, à pessoa que não mais está em processo de aquisição de uma segunda ou terceira língua. Inicialmente, descreveremos o indivíduo bilíngüe em termos de uso e conhecimento lingüístico. Em seguida, examinaremos o comportamento lingüístico do bilíngüe quando se comunica com monolíngües ou com outros bilíngües. Discutiremos, ainda, algumas questões relacionadas com a psicolingüística e a neurolingüística do bilingüismo. E, finalmente, apresentaremos um breve panorama das atitudes, do comportamento e da personalidade do indivíduo bilíngüe.

## **I. Descrevendo o bilíngüe**

Embora alguns pesquisadores tenham definido os bilíngües como aqueles indivíduos que têm controle de duas ou mais línguas de maneira semelhante à dos nativos, a maioria concorda que esta definição não é realista. Se considerarmos como bilíngües apenas aquelas pessoas que se passam por monolíngües em cada uma de suas línguas, estaremos desconsiderando todas aquelas que usam regularmente duas línguas, mesmo que não possuam a fluência de um nativo, mas que não podem ser consideradas simplesmente como monolíngües. Este fato levou pesquisadores a proporem outras definições do bilingüismo, tais como: a habilidade em produzir enunciados significativos em duas (ou mais) línguas, o domínio de pelo menos uma das habilidades lingüísticas (leitura, escrita, fala,

audição) em outra língua, o uso alternado de várias línguas, etc. Neste artigo, consideraremos como bilíngües aquelas pessoas que usam duas (ou mais) línguas (ou dialetos<sup>2</sup>) diariamente. Assim, esta definição inclui pessoas que vão desde o trabalhador migrante que fala com certa dificuldade a língua do país anfitrião (e que não a lê nem a escreve) até o intérprete profissional que é totalmente fluente nas duas línguas. Neste intervalo, encontra-se o cônjuge que interage com amigos na sua primeira língua, o cientista que lê e escreve artigos em uma segunda língua (mas que raramente a fala), o membro de uma minoria lingüística que usa a língua minoritária somente em casa e a majoritária nos outros domínios de sua vida, a pessoa surda que usa a língua de sinais com os amigos, mas que usa outros tipos de sinais com uma pessoa ouvinte, etc. Apesar da grande diversidade que existe entre essas pessoas, todas compartilham uma mesma característica – todas convivem com duas ou mais línguas (bilíngües que não mais usam suas diferentes línguas, mas que retêm um certo conhecimento delas serão denominados *bilíngües adormecidos*).

As razões pelas quais as línguas entram em contato e, em conseqüência, impulsionam o bilingüismo são várias: migrações de diversos tipos (econômica, educacional, política, religiosa, etc.), nacionalismo e federalismo, educação e cultura, comércio, casamento entre pessoas de nacionalidades diferentes, etc. Esses fatores criam diversas necessidades lingüísticas para as pessoas que estão em contato com duas ou mais línguas, levando-as a desenvolver competências nesses línguas, na medida em que suas necessidades

2. O termo “dialeto”, neste artigo, está subentendido no conceito de língua.

assim exigem. Em situações de contato é raro que todas as facetas da vida cotidiana requeiram o uso da mesma língua (caso contrário as pessoas não seriam bilíngües) ou que elas sempre precisem utilizar as duas línguas em todas as situações (a língua A e B no trabalho, em casa, com amigos, etc.). Na verdade, os bilíngües adquirem e usam suas línguas com diferentes propósitos, em diferentes situações de vida e com diferentes pessoas. Isso acontece precisamente porque as necessidades e usos das línguas são normalmente muito diferentes e os bilíngües raramente desenvolvem a mesma fluência nas duas línguas. O nível de fluência atingida numa língua (mais precisamente numa habilidade lingüística) dependerá da necessidade de uso daquela língua e será específica ao domínio (casa, trabalho, escola, etc.). É, portanto, perfeitamente normal encontrar bilíngües que somente lêem e escrevem em uma das línguas, mas que possuem fluência oral reduzida na língua que só usam com um número restrito de pessoas, ou que são capazes de discorrer sobre apenas um assunto particular em uma das línguas. Isso explica, em parte, porque os bilíngües são, em geral, considerados maus intérpretes e tradutores, pois são necessárias não apenas habilidades específicas, mas também conhecimento lexical equivalente nas duas línguas, algo que a maioria dos bilíngües não possui. Certos domínios e tópicos são cobertos pelo léxico de uma língua, outros pelo léxico da outra língua e alguns poucos pelas duas. Interpretar e traduzir quando não dominam o vocabulário apropriado e as habilidades necessárias é, portanto, algo que os bilíngües consideram difícil.

A dificuldade em se compreender que os bilíngües geralmente usam suas línguas para diferentes finalidades, com pessoas diferentes e em diferentes domínios da vida tem sido o maior obstáculo para que se obtenha uma clara idéia dos bilíngües e tem trazido conseqüências negativas tais como: os bilíngües têm sido descritos e avaliados em termos da fluência e do domínio que possuem em ambas as línguas; as habilidades lingüísticas dos bilíngües têm sido, quase sempre, avaliadas em termos dos padrões monolíngües; as pesquisas sobre bilingüismo têm sido, em grande parte, conduzidas do ponto de vista das línguas do bilíngüe, individual ou separadamente; e, finalmente, muitos bilíngües avaliam suas competências lingüísticas como sendo inadequadas. Alguns ainda criticam suas capacidades lingüísticas, outros se esforçam para atingir os padrões monolíngües, outros escondem seus conhecimentos da língua mais “fraca” e a maioria, simplesmente, não se percebe como bilíngüe, mesmo que usem duas (ou mais) línguas diariamente.

Os pesquisadores estão começando, agora, a ver o bilíngüe não mais como a soma de dois (ou mais) monolíngües, completos ou incompletos, mas como um falante-ouvinte específico, completamente competente e que desenvolveu uma competência comunicativa equivalente à do monolíngüe, embora de natureza diferente. Essa competência pressupõe o uso de uma língua, de outra, ou das duas juntas (na forma de fala mista, veja abaixo), dependendo da situação, do tópico, do interlocutor, etc. Essa nova postura, por sua vez, tem levado a uma redefinição dos procedimentos utilizados para avaliar as competências do bilíngüe. Os bilíngües estão sendo, agora, estudados em termos de seu repertório lingüístico

total, de seus domínios de uso e das funções que as línguas consideradas exercem.

Finalmente, deve-se observar que assim como mudam o ambiente e as necessidades de habilidades lingüísticas específicas, também muda a competência lingüística do bilíngüe em suas várias habilidades. Novas situações, novos interlocutores e novas funções envolverão novas necessidades lingüísticas e irão, dessa forma, mudar a configuração lingüística da pessoa envolvida. Casos extremos de reestruturação são o esquecimento da língua e o retorno ao monolingüismo funcional, seja na primeira, segunda ou terceira língua do indivíduo.

## **2. O Comportamento lingüístico do bilíngüe**

Um dos aspectos mais interessantes do bilingüismo é o fato de duas ou mais línguas estarem em contato na mesma pessoa. Este fenômeno, que tem sido amplamente pesquisado, pode ser mais bem compreendido se examinado segundo os diversos modos de uso das línguas do bilíngüe. Em outras palavras, em seu cotidiano, os bilíngües encontram-se em um *continuum* situacional que os induz a diferentes modos de expressão. Em um dos extremos desse *continuum*, temos o modo monolíngüe no qual os bilíngües falam ou escrevem para outros monolíngües em uma ou outra língua que eles conheçam. No outro extremo desse *continuum*, está o modo bilíngüe, no qual os bilíngües interagem com outros bilíngües, compartilhando cada uma de suas línguas separadamente ou misturando-as (mudança de código, empréstimo, etc.). Para um melhor entendimento, este artigo se refere apenas aos dois extremos desse *continuum*,

isto é, aos modos monolíngüe e bilíngüe, mas deve-se lembrar que são os pontos extremos do *continuum* e que há pontos intermediários. Este é o caso, por exemplo, de bilíngües que nunca misturam suas línguas quando falam com outros bilíngües ou com pessoas que têm um conhecimento limitado de outra língua. Deve-se notar, também, que os bilíngües diferem entre si na medida em que percorrem esse *continuum*; alguns raramente encontram-se no extremo bilíngüe enquanto que outros raramente abandonam esse extremo (por exemplo, os bilíngües que moram em comunidades bilíngües onde a norma lingüística é a mistura de línguas).

### **2.1. O modo monolíngüe**

Neste modo, os bilíngües adotam a língua de seu(s) interlocutor(es) monolíngüe(s) e desativam a(s) outra(s) língua(s) quase que completamente. Os bilíngües que assim o fazem e que falam a outra língua fluentemente e sem sotaque são, em geral, identificados como monolíngües. Embora tais casos sejam relativamente raros, são esses que justamente levam as pessoas a pensarem que os bilíngües são (ou deveriam ser) dois monolíngües em uma só pessoa. Na verdade, a desativação de outra língua raramente é total como podemos perceber nos exemplos de interferências que os bilíngües produzem (também conhecidas como desvios entre línguas). Uma interferência é um desvio próprio do falante da língua que está sendo usada no momento da conversa, devido à influência da outra língua “desativada”. As interferências podem ocorrer em todos os níveis da língua (fonológico, lexical, sintático, semântico, pragmático) e em todas as modalidades (falada, escrita ou de sinais).



Elas são de dois tipos: interferências estáticas que refletem traços permanentes de uma língua em outra (tais como um sotaque permanente, os acréscimos significativos de determinadas palavras, estruturas sintáticas específicas, etc.) e as interferências dinâmicas, que são aquelas passageiras, momentâneas de uma língua sobre a outra (como no caso de um erro acidental na sílaba tônica da outra língua, o uso momentâneo de uma estrutura sintática tirada da língua não usada, etc.). Por exemplo, as interferências produzidas por um francês falando inglês são: quanto ao nível fonético, a pronúncia de *Sank even for dees* ao invés de *Thank heaven for this*; no nível lexical, usando *corns* (do Francês *comes*) ao invés de *horns* em *Look at the corns on that animal*; no nível sintático, falando *I saw this on the page five* (ao invés de *on page five*), e na escrita, em erros de ortografia como em *adress* e *appartement* (baseado nas palavras francesas *adresse* e *appartement*).

Além disso, se o bilíngüe possui uma competência limitada em uma de suas línguas, desvios decorrentes da sua *interlíngua* (também conhecida como desvios em uma das línguas) ocorrerão. Estes desvios incluem generalizações excessivas (por exemplo, usar verbos irregulares como regulares), simplificações (omitir marcadores de tempo e plural, trocar as funções das palavras, simplificar a sintaxe, etc.), assim como correções em demasia e o não-uso de certas palavras e expressões. Desvios em uma das línguas ou entre línguas são claramente perceptíveis quando os bilíngües estão no modo monolíngüe, mas eles também ocorrem no modo bilíngüe (veja abaixo). Finalmente, deve-se ressaltar que ambos os tipos de desvios, apesar de às vezes serem bastante aparentes (como nos sotaques estrangeiros), geralmente não interferem na comunicação. Isto é devido ao fato de que os bilíngües desenvolvem suas línguas de acordo com o nível de fluência exigida pelo meio em que vivem. Deste modo, os desvios presentes na fala dos

bilíngües são da mesma natureza daqueles produzidos por escorregões na linguagem ou por momentos de indecisão que todos nós produzimos. Eles estão presentes, mas em geral não afetam a comunicação.

## 2.2. O modo bilíngüe

Neste modo, os bilíngües interagem entre si. Primeiro adotam uma língua para usarem juntos, que é chamada de “língua base” (também conhecida como língua “anfitriã” ou “matriz”). Este processo é chamado “escolha de línguas” e é dirigido por diversos fatores: os interlocutores envolvidos (as línguas usadas na interação, a proficiência nas línguas, as preferências, status socioeconômico, idade, sexo, profissão, educação, relacionamentos pessoais, atitudes em relação à língua, etc.); a situação da interação (o lugar, a presença de indivíduos monolíngües e os graus de formalidade e de intimidade); o conteúdo do discurso (o tópico, o tipo de vocabulário necessário, etc.) e, finalmente, a função da interação (informar, criar uma distância social entre os falantes, elevar o status de um dos interlocutores, excluir alguém da conversação, pedir algo, etc.). A escolha da língua é um comportamento aprendido natural e tacitamente (um indivíduo bilíngüe raramente pergunta-se: “Que língua eu deveria usar com esta pessoa?”), mas é preciso lembrar que este é um fenômeno muito complexo que só se torna visível no momento em que há uma quebra na interação. Normalmente, os bilíngües, durante suas interações diárias com outros bilíngües, agem sem perceber os vários fatores psicológicos e sociolingüísticos que os induzem à escolha de uma língua ao invés de outra. A língua base pode mudar várias vezes durante uma simples conversa se a situação, o tópico, o interlocutor, etc. assim exigirem.

Uma vez escolhida a língua-base, os bilíngües podem trazer a outra língua (língua ‘convidada’ ou ‘encaixada’) para a conversação de várias maneiras. Uma delas é a mudança de código, ou seja, uma mudança completa de língua por meio de uma palavra, uma frase ou uma sentença (por exemplo, *Va checher Marc and bribe him avec um chocolat chaud with cream on top* –Vá buscar o Marc e suborne-o com um chocolate com creme). A mudança de código tem sido estigmatizada há muito tempo, recebendo um grande número de nomes pejorativos como *franglais* (mistura de inglês e francês) ou *tex-mex* (mistura de inglês e do espanhol falado no sudoeste dos Estados Unidos). A consequência imediata disso é que alguns bilíngües nunca mudam de código, enquanto que outros restringem

a mudança a situações em que eles não serão estigmatizados por fazê-la. No final dos anos 80 e início dos anos 90, a mudança de código passou a receber uma atenção especial dos pesquisadores. Por exemplo, os sociolinguistas concentraram suas pesquisas em *quando* e *por quê* a mudança ocorre no contexto social. As principais razões levantadas são: suprir uma necessidade da língua; dar continuidade à última língua utilizada; introduzir uma citação ou discurso de alguém; especificar o interlocutor; excluir alguém da conversa; qualificar a mensagem; especificar o envolvimento do falante; marcar a identidade do grupo; transmitir emoções; mudar o papel do falante, etc. Por outro lado, os linguistas têm buscado estudar os tipos de mudança de código que ocorrem (palavras simples, frases, orações, sentenças, etc.) assim como identificar as restrições linguísticas que governam a sua ocorrência. Embora ainda haja uma considerável controvérsia sobre este último foco (seriam as restrições universais ou específicas à língua? Quão amplas são as restrições?), já se sabe que mudança de código não é simplesmente um comportamento fortuito, decorrente de alguma forma de “semilingüismo”, mas, ao contrário, um processo bem governado, usado como uma estratégia comunicativa para transmitir informações tanto linguísticas quanto sociais.

Uma outra forma de os bilíngües trazerem a língua menos ativada para a conversação é tomar emprestado uma palavra ou expressão da outra língua e adaptá-la morfológicamente (e, muitas vezes, fonologicamente) à língua base. Assim, diferentemente da mudança de código que é a justaposição de duas línguas, o empréstimo é a integração de uma língua à outra. Frequentemente, a forma e o conteúdo da pala-

va são emprestados (produzindo o que é chamado de *loanword* ou simplesmente *empréstimo*), como se pode observar nos seguintes exemplos produzidos por bilíngües em inglês-francês: “*Ca métonnerait quón ait code-switché autant que ça*” (Eu não acredito que nós mudamos de código tanto assim) e “*Maman, tu peux me tier / taje / me chassures?*” (Mãe, você pode amarrar meus sapatos?). Nestes exemplos, as palavras inglesas *codeswitching* e *tie* foram trazidas e integradas na frase em francês. Um segundo tipo de empréstimo, chamado *loanshift*, consiste em utilizar uma palavra da língua base e estender o seu significado ao de uma palavra da outra língua, ou em rearranjar palavras na língua base segundo um padrão proveniente da outra língua, e, criando assim, um novo sentido. Um exemplo do primeiro tipo de *loanshift* seria o uso de *humoroso* por falantes portugueses imigrantes nos Estados Unidos com o sentido de *humorous* (humorístico). Um exemplo do segundo tipo seria o uso de expressões idiomáticas traduzidas literalmente da outra língua, como *I put myself to think about it*, dito por um bilíngüe em espanhol-inglês, baseado em *Me puse a pensarlo*. É importante distinguir *loans* idiossincráticos (também chamados de *speech borrowings* ou *nonce borrowings*) de palavras que têm se tornado parte do vocabulário de uma comunidade linguística e que também são usadas por monolíngües (são os chamados empréstimos linguísticos ou *established loans*). Assim, no texto seguinte cada terceira ou quarta palavra é um *established loan* do francês que se tornou parte da língua inglesa: *The poet lived in the duke's manor. That day, he painted, played music and wrote poems with his companions*. As pesquisas do final do último século estão examinando, entre outras coisas, as diferenças

e semelhanças que existem entre mudanças de código e empréstimos (dentro desses últimos, empréstimos idiossincráticos e *established loans*), bem como o impacto dos dois na língua em si, tais como a reestruturação da primeira e da segunda línguas.

### **3. A psicolingüística do bilingüismo**

A psicolingüística do bilingüismo tem como objeto de estudo os processos envolvidos na produção, percepção, compreensão e memorização das línguas pelo indivíduo bilíngüe (falada, escrita ou de sinais) quando usadas nos modos de fala monolíngüe ou bilíngüe. Até o início dos anos 90, os estudos focalizavam primordialmente a independência das línguas do bilíngüe (como o bilíngüe mantém suas duas línguas separadas? Teria o bilíngüe um ou dois léxicos?) em detrimento de questões como o processamento da linguagem, seja no modo monolíngüe ou bilíngüe. Muitas pesquisas foram conduzidas focalizando, por exemplo, a distinção coordenado-composto-subordinado. De acordo com esta distinção, há três tipos de bilíngües: os bilíngües coordenados são aqueles que têm dois conjuntos de unidades significativas e dois modos de expressão para cada língua (isto significa que as palavras das duas línguas são entidades totalmente separadas); os bilíngües compostos são aqueles que têm um conjunto de unidades significativas e dois modos de expressão (palavras “equivalentes” nas diferentes línguas têm o mesmo significado) e os bilíngües subordinados são aqueles que têm as unidades significativas da primeira língua e dois modos de expressão – o da primeira língua e o da segunda – este último aprendido por meio da primeira (neste modo, o bilíngüe interpreta as palavras da língua “mais fraca” através das palavras da língua “mais forte”). Apesar do apelo inerente desta distinção, não há evidência de resultados conclusivos a fim de que os bilíngües possam ser classificados como coordenados, compostos ou subordinados.

Uma outra área de considerável investigação tem sido a questão do léxico: teriam os bilíngües um ou dois léxicos internos? Aqueles que acreditam que os bilíngües possuem um léxico (visão da armazenagem interdependente) afirmam que a informação lingüística é armazenada em um único sistema semântico. As palavras das duas línguas são organizadas



em um léxico maior, mas cada palavra é etiquetada de acordo com a língua a qual ela pertence. Outros pesquisadores acreditam que os bilíngües têm dois léxicos (visão da armazenagem independente) e a informação adquirida em uma língua estaria disponível na outra apenas por meio do processo de tradução. Novamente, apesar do grande número de estudos, resultados conclusivos não foram encontrados. Na verdade, o que tem sido proposto é que os bilíngües têm três locais de armazenagem, um conceitual que corresponde ao conhecimento de mundo do bilíngüe e dois lingüísticos, um para cada língua.

Uma terceira questão que também tem suscitado interesse é a habilidade dos bilíngües de manter as duas línguas separadas no modo monolíngüe. Alguns pesquisadores postulam a existência de um dispositivo de mudança de língua que serviria para bloquear a língua que não está sendo usada. Estudos experimentais foram conduzidos na expectativa de se encontrar evidências para tal proposta. Entretanto, os resultados obtidos são questionáveis e inconclusivos. Acredita-se, atualmente, que nenhum dispositivo exista, seja ele psicolingüístico ou neurolingüístico. Uma outra hipótese proposta é a de que os bilíngües provavelmente utilizam vários procedimentos de ativação e desativação para manter as línguas separadas no modo monolíngüe e fazê-las interagir no modo bilíngüe.

Só recentemente, ao final do século XX, aceita-se o fato de que o indivíduo bilíngüe não são dois monolíngües em uma só pessoa, mas um falante-ouvinte único que utiliza uma ou outra língua, ou ambas, dependendo do interlocutor, da situação, do tópico da conversação, etc. (veja acima). As pesquisas

atuais no campo da psicolingüística estão tentando compreender o processamento da linguagem no indivíduo bilíngüe segundo os seus diferentes modos de expressão. Alguns pesquisadores estão estudando como os bilíngües no modo de expressão monolíngüe diferem dos indivíduos monolíngües em termos dos processos de percepção e produção; também investigam se há interação real entre as duas línguas durante o processamento da linguagem no modo de expressão bilíngüe. Esta última questão tem produzido interessantes resultados como, por exemplo, no reconhecimento de palavras “convidadas” (empréstimo e mudança de código), ou seja, se elas são reconhecidamente identificadas como pertencentes a um ou outro léxico, a presença ou ausência de uma base lingüística homófona, a pronúncia da palavra convidada em uma língua ou na outra e a língua que precede a palavra (a língua base do contexto). Vale ressaltar que todos esses aspectos exercem um papel importante no processo de assimilação. Modelos atuais de processamento da linguagem no bilíngüe estão sendo propostos, assim como dados que os comprovem estão sendo coletados. Assim, um modelo de ativação interativa surge para comprovar os resultados de reconhecimento da palavra já mencionados. Com relação ao domínio da produção, alguns pesquisadores estão tentando explicar os processos subjacentes envolvidos na produção de mudanças de códigos e empréstimos. Além destes, muitos outros modelos estão sendo propostos.

#### **4. A neurolingüística do bilingüismo**

Há muito tempo os neurolingüistas têm se interessado em descrever como a linguagem é organizada

na mente bilíngüe e como essa organização difere daquela de um monolíngüe. Uma das abordagens tem sido observar e testar afásicos bilíngües com o fim de entender melhor quais são as línguas afetadas por danos mentais e quais os fatores que mais contribuem para os diferentes padrões de reaquisição das línguas. Outro método tem sido estudar bilíngües normais para verificar se o processamento lingüístico ocorre principalmente no hemisfério esquerdo do cérebro (como se dá em indivíduos monolíngües) ou nos dois hemisférios.

Com relação à afasia, pesquisadores observaram em bilíngües vários padrões de recuperação de duas ou mais línguas após algum dano – classificados em paralelos, diferenciais, sucessivos, antagônicos, seletivos e mistos – e tentaram estabelecer os fatores que parecem desempenhar um papel na recuperação não-paralela, isto é, quando as línguas não são juntamente recuperadas na mesma velocidade. Atualmente, nenhum fator surgiu para explicar os diferentes tipos de padrões de recuperação, e ainda não se sabe se a recuperação difere notoriamente após terapia em uma língua, na outra ou em ambas. Entretanto, supõe-se que, se uma língua não é recuperada, isso não significa que ela foi perdida, mas simplesmente que ela está inibida, temporária ou permanentemente.

Na questão da lateralização da linguagem, é um fato bem conhecido que o hemisfério esquerdo do cérebro é o dominante para linguagem em pessoas monolíngües. A questão é se as pessoas bilíngües têm, também, forte dominância do hemisfério esquerdo para a linguagem. Até poucos anos atrás, com base em estudos de afásicos bilíngües e em resultados experimentais, alguns pesquisadores consideravam que pessoas bilíngües usam mais o hemisfério direito no processamento da linguagem do que as monolíngües. Entretanto, após estudos mais avançados, com maior controle, surgiram claras evidências de que monolíngües e bilíngües não diferem em nada na questão do envolvimento hemisférico durante o processamento da linguagem. Quanto à organização da linguagem na mente bilíngüe, a maioria dos pesquisadores concorda que as línguas não estão arquivadas em locais completamente diferentes. Além disso, pessoas bilíngües teriam dois dispositivos de conexão neural, um para cada língua (podendo ser ativados ou inibidos independentemente), ao mesmo tempo em que possuiriam um dispositivo maior do qual elas poderiam retirar elementos de qualquer uma das línguas, a qualquer tempo. Dito isso, a mente bilíngüe continua sendo terreno incógnito e somente pesquisas clínicas e experimentais mais avançadas



poderão dizer quão semelhante ela é à mente monolíngüe e em que maneiras elas podem divergir.

## **5. A pessoa bilíngüe**

Esta última seção discutirá as atitudes e sentimentos que bilíngües e monolíngües têm em relação ao bilingüismo, as várias atividades mentais, a interação entre língua e emoção e a personalidade dos bilíngües.

### **5.1. Atitudes e sentimentos em relação ao bilingüismo**

Várias pesquisas demonstram que ou os bilíngües são indiferentes ao bilingüismo (isto é, consideram-no apenas um fato da vida) ou vêem mais vantagens do que desvantagens em conviver com duas ou mais línguas. A maioria aprecia o fato de ser capaz de comunicar-se com pessoas de origens lingüísticas e culturais diferentes; outros acham que o bilingüismo oferece uma perspectiva de vida diferente que propicia uma maior visão de mundo, permite a leitura e a escrita em diferentes línguas, facilita a aprendizagem de outras línguas, dá mais oportunidades de trabalho, etc. As inconveniências aparecem em menor número e envolvem aspectos tais como: mudança de código involuntária, necessidade de se ajustar a culturas diferentes, sentimento de perda de uma das línguas (normalmente a língua minoritária) ou ter que servir de tradutor em várias ocasiões.

É interessante comparar estas reações aos sentimentos e atitudes que os monolíngües têm em relação ao bilingüismo. Estes são bastante diversos, variando desde atitudes muito positivas (como o fato de poderem os bilíngües falar e escrever duas ou mais línguas fluentemente) até atitudes muito negativas (como o fato de alguns bilíngües não dominarem perfeitamente suas línguas a ponto de

não serem capazes de traduzir automaticamente de uma língua para outra, etc.). Deve-se ressaltar que a maioria dos monolíngües julga os bilíngües com base nos aspectos socioeconômicos e culturais e não nos lingüísticos.

### **5.2. Atividades mentais, emoção e estresse**

Pouco se sabe sobre as línguas usadas pelos bilíngües em suas atividades mentais, ou como eles reagem quando estão sob pressão ou numa situação de emoção. Parece que muitas das operações mentais são, de fato, específicas a uma das línguas. Assim, os bilíngües geralmente contam e rezam na língua em que aprenderam essas funções. Pensar e sonhar também parecem ser comportamentos específicos à língua e dependem das pessoas, da situação e do tópico nos quais estão envolvidos (veja acima). Quando cansados, nervosos, ansiosos, os bilíngües geralmente farão uso da língua materna ou de qualquer outra língua na qual normalmente expressam suas emoções. O estresse talvez deva causar maior interferência, como problemas em encontrar as palavras apropriadas e interrupções involuntárias. Além disso, há relatos de que os bilíngües gostariam que os monolíngües mais próximos a eles (cônjuge, colegas e amigos) também fossem bilíngües.

### **5.3. Personalidade e bilingüismo**

Alguns bilíngües dizem que quando mudam a língua, também mudam suas atitudes e seus comportamentos. Este fato tem sido freqüentemente relatado na literatura: alguns bilíngües apresentam ligeiras diferenças de opiniões, dependendo da língua que estão falando; outros são mais autoritários em uma das suas línguas; outros são mais reservados ou gentis, etc. Daí é possível concluir que existe um pouco de verdade no provérbio checo, “Aprenda uma nova língua e ganhe uma nova alma”. Alguns concordariam com este provérbio e iriam ainda mais longe, afirmando que os bilíngües têm dupla personalidade. Na realidade, não há evidência real de que os bilíngües sofrem mais de distúrbios mentais do que os monolíngües; o que é visto como uma mudança de personalidade é simplesmente uma transferência de atitudes e comportamentos, correspondendo a uma transferência de situação ou contexto, independentemente da língua. Conforme vimos anteriormente, os bilíngües, em geral, escolhem uma das línguas de acordo com a situação, com o interlocutor, com o tópico e com a intenção da conversa. Esses

fatores desencadeiam diferentes atitudes, impressões e comportamentos (como fazem os monolíngües que modificam o conteúdo e a forma dos seus discursos, dependendo do contexto) e, assim, o que é visto como uma alteração de personalidade, devido a uma mudança de língua, é, de fato, uma mudança de situação e de interlocutor. Em poucas palavras, é o meio ambiente como um todo que causa no bilíngüe mudanças de língua juntamente com atitudes, sentimentos e comportamentos – e não a língua como tal. A principal diferença entre monolíngües e bilíngües, neste caso, é que os bilíngües geralmente mudam de línguas (e, portanto, parecem ser pessoas diferentes) enquanto que os monolíngües não o fazem. Além disso, os bilíngües geralmente mudam de uma cultura para outra em suas interações (muitos são biculturais), ao passo que os monolíngües interagem com uma única cultura.

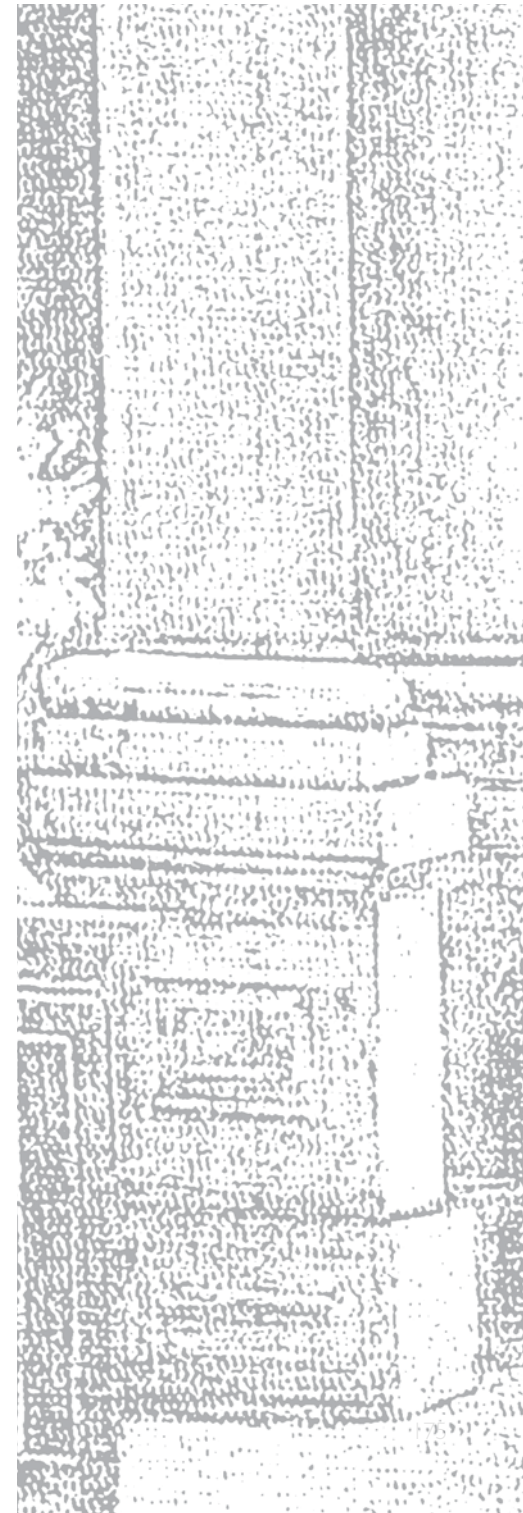
## **6. A pesquisa no século XXI**

Apesar de já existir um número significativo de pesquisas sobre o indivíduo bilíngüe, muitas outras precisam ser realizadas acerca dessa questão. O surgimento de uma visão holística do bilingüismo tem levado pesquisadores a deixarem de visualizar o bilingüismo segundo o padrão monolíngüe, para fixarem-se na questão lingüística, propriamente dita, do bilingüismo. Entretanto, muitas outras questões também requerem estudos: a estrutura e a organização das diferentes línguas dos bilíngües; os diversos processos operacionais envolvidos na percepção, produção e memorização da língua quando o bilíngüe está em um dos seus modos de fala (monolíngüe ou bilíngüe); as diferenças lingüísticas e psicolingüísticas (e semelhanças) entre mudanças de códigos, empréstimos e interferências; a organização do cérebro do bilíngüe; e finalmente, a psicologia da pessoa bilíngüe e bicultural.

## **Referências**

BAETENS-BEARDMORE, H. *Bilingualism: Basic Principles*. Clevedon: Multilingual Matters, 1982.

CLYNE, M. *Perspectives on Language Contact*. Melbourne: Hawthorne Press, 1972.



GROSJEAN, F. *Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

HAKUTA, K. *Mirror of Language: The Debate of Bilingualism*. New York: Basic Books, 1986.

HAUGEN, E. *The Norwegian Language in America: A Study in Bilingual Behavior*. 2<sup>nd</sup> ed. Bloomington: University of Indiana Press, 1969.

HELLER, M. (Ed.). *Code-switching*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988.

PARADIS, M. "Bilingual and polyglot aphasia". In: BOLLER, F. & GRAFMAN, J. (eds.). *Handbook of Neuropsychology*, v. 2. Amsterdam: Elsevier, 1989.

POPLACK, S. "Sometimes I'll start a sentence in Spanish Y TERMINO EN ESPAÑOL: Toward a typology of code-switching". In: *Linguistics*, n. 18, 1980, pp. 581-618.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. London: Blackwell, 1989.

VAID, J. (Ed.). *Language Processing in Bilinguals*. Hillsdale: Erlbaum, 1986.

WEINREICH, U. *Languages in Contact*. The Hague: Mouton, 1968.